

MEDIEDADE, UMA DOCTRINA QUANTITATIVA OU QUALITATIVA?

Arthur Cruz*

RESUMO: Procurarei aferir se é possível entender a doutrina da mediedade de maneira quantitativa; pois Aristóteles parece fazer menção a uma quantidade de emoção quando diz que em tudo o que é contínuo e divisível, pode-se tomar mais, menos ou uma quantidade igual. Veremos se essa visão da doutrina pode ser assumida ou não. Para esse fim, serão analisadas as posições conflitantes de J. O. Urmsom, que toma a doutrina da mediedade de forma quantitativa, ou seja, a mediedade seria uma quantidade adequada entre diversos graus de emoções e ações; e a posição de R. Hursthouse, que a toma de uma forma qualitativa, ou seja, a mediedade seria uma qualidade das emoções e ações que se relaciona com objetos corretos e evita objetos incorretos. Concomitantemente, será possível averiguar se essa questão assume importância para a discussão sobre o particularismo aristotélico.

PALAVRAS-CHAVE: Medianidade – Quantitativo – Qualitativo – Particularismo.

Na teoria moral aristotélica a doutrina da mediedade¹ ocupa um lugar de destaque. Isto se deve primeiramente à condição estratégica que tal noção assume para que se compreenda o conceito de virtude, noção muito cara para Aristóteles; mas tal doutrina revela sua importância também para que se observe a complexidade das circunstâncias específicas do momento de efetivação do ato moral e assim instaurar a discussão sobre o caráter particularista da ética de Aristóteles.

Não obstante essa constatação, sua relevância dentro do sistema não é ponto pacífico entre os comentadores, de forma que possui ferrenhos defensores², mas também coleciona severos detratores³. Alguns intérpretes entendem-na como um elemento importante na construção do sistema ético aristotélico, outros, porém, atestam sua total inocuidade.

A alegação essencial da doutrina da mediedade parece ser a de que a virtude moral (*ethike arete*)⁴ se estabelece em um meio termo entre dois extremos de excesso e falta. Ou seja, o ato virtuoso ocorre sempre em um meio entre o demais e o muito pouco⁵.

* Mestrando em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas.

¹ O termo grego que Aristóteles utiliza é *mesotes*, que pode ser traduzido por justo-meio, meio-termo, mediania ou mediedade. Seguimos aqui a tradução mais corrente do termo nas obras de referência.

² É o caso, por exemplo, de J. O. URMSOM, H. CURZER, P. LOSIN e R. CRISP.

³ É o caso de R. A. GAUTHIER, J. BARNES, B. WILLIAMS e R. HURSTHOUSE.

⁴ Alguns preferem traduzir *ethike arete* por excelência de caráter. Optei por virtude moral em vista da ampla aceitação dessa tradução.

Devemos, no que segue, aferir se é possível entender a doutrina da mediedade de maneira quantitativa⁶; pois Aristóteles parece fazer menção a uma certa quantidade correta de emoção quando diz que em tudo o que é contínuo e divisível, pode-se tomar mais, menos ou uma quantidade igual⁷. Veremos se essa doutrina pode mesmo ser entendida de forma quantitativa, ou se a interpretação qualitativa que remete a objetos corretos e incorretos é uma opção interpretativa mais apropriada. Mas antes de proceder a esta análise é preciso descartar uma forma equivocada de entender a doutrina da mediedade, forma esta que a entende como uma doutrina da moderação.

Pois bem, cumpre-nos em primeiro lugar averiguar se tal doutrina poderia ser pensada como uma mera doutrina da moderação, ou seja, é preciso aferir se o que Aristóteles está dizendo quando afirma que a virtude se encontra no meio entre dois vícios possui o significado de um conselho do tipo “não faça ou sinta nada em demasia nem muito pouco”, por exemplo: se em alguma situação sou instigado a sentir ódio, ou medo, ou qualquer emoção que seja, a virtude seria algo como sentir tal emoção na medida exata. Nem muita raiva, nem muito pouca.

A moderação no sentido de nem demais nem muito pouco seria então uma medida segura para se atribuir a alguém a posse da virtude⁸.

Mas vamos dar voz a Aristóteles para ver como ele começa caracterizando a sua doutrina:

Começemos, pois, por frisar que está na natureza dessas coisas o serem destruídas pela falta e pelo excesso, como se observa no referente à força e à saúde (pois, a fim de obter alguma luz sobre coisas imperceptíveis, devemos recorrer à evidência das coisas sensíveis). Tanto a deficiência como o excesso de exercício destroem a força;

⁵ Essa interpretação da doutrina não é ponto pacífico, pois revela uma visão quantitativa que já foi alvo de objeções. Ver, por exemplo, HURSTHOUSE, R. “A false Doctrine of mean”. In *Aristotle's Ethics. Critical Essays* (N. Sherman, ed.). Lanham: Rowman & Littlefield Publishers Inc., 1998. Voltaremos a esse ponto oportunamente.

⁶ É possível não aceitar a interpretação que rotula a mediedade como uma doutrina da moderação e ainda assim assumir uma leitura quantitativa dela. O que não se pode é fazer o contrário, ou seja, assumir a tese da moderação e rejeitar a postura quantitativa, e isso porque aquele que defende a tese da moderação está comprometido com a quantidade exata (moderada) das emoções e reações virtuosas.

⁷ *EN* 1106^a 26-28.

⁸ O virtuoso seria aquele indivíduo que tão somente se mantém equidistante dos vícios do excesso e da falta, sem precisar adequar suas ações aos parâmetros normativos dos objetos corretos. Seria virtuoso ter uma quantidade moderada de medo seja na guerra, numa discussão caseira, ou no contato com uma barata.

e, da mesma forma, o alimento ou a bebida que ultrapassem determinados limites, tanto para mais como para menos, destroem a saúde ao passo que, sendo tomados nas devidas proporções, a produzem, aumentam e preservam⁹.

Ele continua a sua argumentação dando o exemplo da coragem e da temperança dizendo que o homem que nada teme é um temerário, já o homem que teme tudo torna-se um covarde, da mesma maneira um homem que se entrega a todos os prazeres torna-se intemperante, ao passo que aquele que não goza de nenhum prazer torna-se um insensível.

Aristóteles faz notar que qualquer emoção que tenhamos em mente pode ser destruída pelo excesso e pela falta, assim como pode ser preservada pela mediedade. Isto parece mostrar que a justa medida é algo que está no meio de dois limites antagônicos. Isto levaria a crer que a correta expressão de uma emoção ocorreria sempre no meio (moderação). Ora, pensa o leitor apressado, se Aristóteles diz que as virtudes se relacionam com ações e emoções e ele também alude à destruição das coisas pelo excesso e falta, é óbvio que a ação correta está no meio entre os extremos e esse meio é sentir e agir de forma moderada.

Entretanto, parece que isso seria uma interpretação um tanto estranha das passagens que fazem referência à doutrina da mediedade, e isso precisamente porque Aristóteles faz uma importante declaração mais adiante:

Por isso muitos chegam a definir a virtude como certos estados de impassibilidade e repouso; não acertadamente, porém, porque se exprimem de modo absoluto, sem dizer “como se deve”, “como não se deve”, “quando se deve ou não se deve”, e as outras condições que se pode acrescentar¹⁰.

Ora, conforme essa passagem podemos começar a duvidar da interpretação do equilíbrio mediano, pois aqui Aristóteles está indicando que aqueles que se exprimem de modo absoluto não compreenderam ou não possuem a mesma a definição de virtude que ele. Repare que se não acrescentarmos o “como se deve”, “como não se deve”, “quando se deve ou não se deve” e as outras condições, é lícito permitir uma leitura que favoreça a tese da moderação, pois a ‘impassibilidade e repouso’ aqui cumpriria o papel do estado intermediário de não estar nem além nem aquém da mediedade. De fato, destacamos a moderação como uma virtude, onde o homem moderado é visto como calmo, tranqüilo e seguro de suas reações.

⁹ EN II 1104^a 10-20.

¹⁰ EN II 1104b 24-27.

Mas mesmo que algum defensor da tese da moderação objetasse que o que Aristóteles toma por ‘impassibilidade e repouso’ na dita passagem seja um dos extremos, significando o extremo da falta, e que portanto ela (a passagem) não solapa a interpretação moderada, não é difícil ver que Aristóteles não está dando um conselho insípido, pois ele aduz mais adiante três condições para o ato moral:

Em primeiro lugar [o agente] deve ter conhecimento do que faz; em segundo, deve escolher os atos, e escolhê-los por eles mesmos; e em terceiro, sua ação deve proceder de um caráter firme e imutável¹¹.

Tais condições de realização do ato moral estimulam a pensar que seria impossível que Aristóteles quisesse encorajar apenas um modelo de equilíbrio homeostático ao sujeito moral, onde ele uma vez habituado à distância dos extremos não necessitasse de nenhum ajuste específico para a promoção das suas ações no mundo moral.

Mas o que torna mais claro ainda a inadequação da tese da moderação, e que uma leitura atenta da *Ethica Nicomachea* provê, é exatamente o exemplo que Aristóteles dá quando diz que é possível errar de muitos modos e que acertar o alvo é difícil.

Por outro lado, é possível errar de muitos modos (pois o mal pertence à classe do ilimitado e o bem à do limitado, como supuseram os pitagóricos), mas só há um modo de acertar. Por isso, o primeiro é fácil e o segundo difícil – fácil errar a mira, difícil atingir o alvo.

Isso mostra que a virtude não se encontra apenas no meio, equidistante entre dois vícios, pois se fosse assim teríamos apenas uma maneira de acertar e duas de errar, mas Aristóteles assevera que é possível errar de muitos modos, e isso é assim por que é possível errar com relação à intensidade da emoção sentida, à duração dessa emoção, à pessoa a quem é dirigida, e assim por diante¹².

Só acertamos de um único modo porque o virtuoso deve acertar em todas as características com relevância moral. Por outro lado, o vicioso peca por não atingir o meio em uma ou outra característica.

¹¹ EN 1105^a 30-35.

¹² Mais adiante explicitarei os cinco parâmetros de classificação da ação moral.

Também se afasta da tese moderada aquele que presta atenção em Aristóteles quando ele diz que é preciso levar em consideração para que lado somos arrastados para longe da mediedade:

O que é necessário primeiro para quem visa a mediedade, é evitar o extremo que mais se opõe ao meio... dos extremos um é mais errôneo que o outro, e como acertar o meio é difícil, devemos contentar-nos com o menor dos males. A melhor maneira de fazê-lo é a que descrevemos. Devemos considerar as coisas para as quais nós próprios somos arrastados, porque um pende numa direção e outro em outra; É preciso forçarmos a ir na direção do extremo contrário, porque chegaremos no estágio intermediário afastando-nos o mais que pudermos do erro, como procedem aqueles que procuram endireitar varas tortas. Ora, em todas as coisas o agradável e o prazer é aquilo de que mais devemos defender, pois não podemos julgá-lo com imparcialidade. A atitude a tomar em face do prazer é, portanto, a dos anciãos do povo para com Helena, e em todas as circunstâncias cumpre-nos dizer o mesmo que eles, porque, se não dermos ouvidos ao prazer, corremos menos perigo de errar. Em resumo, é procedendo dessa forma que teremos mais probabilidades de acertar com o meio termo¹³.

Ou seja, o ato ou a emoção que está em concordância com a mediedade tem de levar em consideração a configuração dinâmica entre situação interna e externa do indivíduo, ou seja, para agir de forma correta eu devo primeiramente exibir uma disposição que foi moldada pelo hábito e que me leva a sentir adequadamente (o nível certo de uma dada emoção), em segundo lugar, devo perceber as características morais relevantes da situação em que eu me encontro, sem negligenciar nenhum aspecto moral relevante, e em terceiro lugar, escolher firme e conscientemente os meios necessários para efetivar a ação.

Além do mais, é evidente que em muitas situações somos chamados a exibir muita indignação ou nenhuma raiva. Se entendêssemos a doutrina da mediedade como um conselho de estar sempre a meio caminho entre emoções e ações extremas, jamais poderíamos denominar virtuoso aquele que, por exemplo, reage com veemência para defender sua família de uma atrocidade, exibindo o mais alto grau de indignação; ou mesmo aquele indivíduo que não apresenta nenhuma reação frente a um deboche pueril. Ambos estão na mediedade como Aristóteles a entende, pois não censuramos ninguém por sentir essa ou aquela emoção, mas sim aquele indivíduo que a sente de certa maneira.

¹³ 1109^a 30-b27; 1108b 11- 1109^a 19.

Por conseguinte, as ações são chamadas justas e temperantes quando são tais como as que praticaria o homem justo ou temperante; mas não é temperante o homem que as pratica, e sim o que as pratica tal como o fazem os justos e temperantes¹⁴.

Praticar as ações tal como fazem os homens justos e temperantes requer que não apenas as emoções devam estar no meio, mas que também ocorra uma série de elementos que possam determinar o modo no qual agem os que exibem essas emoções.

Aristóteles, portanto não defende, em nenhum sentido, uma doutrina da moderação. Assim como não apela para que estejamos sempre em um meio rígido e equidistante entre dois extremos viciosos. Logo uma interpretação que tente extrair alguma norma universal apelando para essa visão tem necessariamente que ser descartada.

Aristóteles estabelece em EN 7. 1. ao menos seis reconhecíveis estados de caráter que configuram a sua discussão sobre as figuras morais tematizadas na ética. Duas delas, no entanto, podem ser deixadas de lado, pois como o próprio Aristóteles assegura, é tão raro encontrar o tipo divino (virtude heróica ou sobre-humana) como também o tipo bestial (brutalidade), aquela condição que é produzida pela doença ou pela deformidade.

A primeira figura moral efetiva, por conseguinte, é a do virtuoso (*phronimos*), o homem excelente, aquele que atingiu a disposição virtuosa e que, portanto, age bem e o faz sem nenhum tipo de conflito interno. Sua ação está em perfeita conformidade com a razão e com o desejo que nele quer o bem. O homem virtuoso encontra-se à margem dos dilemas de que padece o comum dos homens, pois ele não tem que lutar contra suas inclinações para fazer o que deve. Ele faz o bem, sabe o que é bom, quer o bem e não apresenta nenhum atrito entre essas instâncias.

Em seguida podemos identificar a figura do continente (*enkrático*), aquele indivíduo que não obstante instigado pelo desejo de agir errado, doma seu impulso e efetua a ação correta. A fonte de sua ação, como se vê, não é destituída de conflito, embora esse conflito seja sempre vencido pela razão. Tal figura moral ainda merece louvor, pois sua ação está em conformidade com a virtude, embora seu componente emocional e desiderativo tenham ainda que sofrer constrição.

Posteriormente se apresenta a figura do incontinente (*acrático*), ou seja, o estado de caráter que é caracterizado pela derrota da razão em face do desejo. O homem incontinente sabe o que é bom, mas ele não consegue dirigir o seu desejo de forma que ele seja orientado pela razão. Tal indivíduo tenta agir bem mas falha, sua vontade não é forte o suficiente para se

¹⁴ EN II 1105b 5-9.

submeter ao que a razão ditou, neste sentido, ele aparece como o primeiro exemplar digno de censura. Seu comportamento, arrastado pela paixão, não deve ser seguido, pois resulta de uma fraqueza incompatível com a virtude.

Por último vem a intemperança (*akolasia*). O homem intemperante está no último lugar da escala moral porque ele não só age mal, como o incontinente, mas também quer o mal. A intemperança se caracteriza por ser a condição daquele que age sem nenhum conflito interno, pois o agente intemperante não acredita que o que faz seja errado. Ele age mal porque quer o mal. Não há nenhuma resistência em agir e sentir assim, já que seu juízo e seu desejo já se encontram totalmente corrompidos.

Dito isto é preciso estabelecer em que sentido a mediedade delimita os contornos dessas posturas morais, evidenciando uma clara diferença entre virtude e vício. Isso é feito exatamente pela doutrina da mediedade, mas de que forma a mediedade distingue os tipos morais? Uma das alternativas é dizer que ela diferencia-os através de uma medida quantitativa.

Apresentarei a interpretação quantitativa da referida doutrina exposta por J. O. Urmson em “Aristotle’s Doctrine of the mean”¹⁵.

Urmson começa aludindo que nas mais atuais interpretações da doutrina da mediedade Aristóteles é usado para dizer coisas falsas e desinteressantes. Ele começa identificando a definição de virtude no seu gênero e diferença específica e a seguir traz a sua própria interpretação para rivalizar com as demais.

Depois de discorrer pelos tipos morais em EN 7. 1. ele chama a atenção para dois pontos relevantes:

- (1) virtude moral é concernente com ações e emoções, não apenas com ações
- (2) virtude moral se relaciona com prazeres e dores

Aristóteles afirma que sempre que alguém age virtuosamente, estará exibindo alguma emoção. E na medida em que no homem virtuoso a ação é expressão natural de suas emoções, ele age, portanto, de acordo com sua dor e prazer.

¹⁵ URMSON, J. O. “Aristotle’s doctrine of the mean”. In *Essays on Aristotle’s ethics* (A. O. Rorty, ed.). Berkeley: University of California Press, 1980, p. 157-170. Lembrando que Urmson defende uma visão quantitativa mas rejeita que a doutrina da mediedade seja apenas uma moderação de emoções. Não aludirei a visão de Curzer em “A Defense of Aristotle’s Doctrine that virtue is a Mean” em razão de que sua defesa muito se assemelha a de Urmson.

Poderíamos dizer então com Urmson que:

(1) é sabido que a virtude se relaciona com ações e emoções, mas também é dito que o ato propriamente virtuoso ocorre em uma mediedade, mas como essa mediedade é alcançada? Seria possível dizer, de forma esquemática, que o homem virtuoso exhibe uma mediedade nas ações e nas emoções, já que não há conflito entre elas. Já o continente encontraria o meio com relação às ações (porque age bem), mas não nas emoções (porque há conflito, embora a razão vença), o que diferencia os dois primeiros é que para o continente agir bem custa um certo desgaste. No caso do incontinente e do intemperante nem as ações nem as emoções estão no meio (pois sua conduta revela um desvio que os afasta da virtude) ambos agem e sentem de forma equivocada, sendo a tentativa de resistência a única diferença entre o incontinente e o intemperante.

O segundo ponto é mais evidente ainda.

(2) Que a virtude se relaciona com prazeres e dores ninguém disputa, pois Aristóteles é bem claro a esse respeito:

Com efeito, a virtude moral se relaciona com prazeres e dores; é por causa do prazer que praticamos más ações, e por causa da dor que nos abtemos de ações nobres. Por isso deveríamos ser educados de uma determinada maneira desde a nossa juventude, como diz Platão¹⁶.

Aristóteles enfatiza a necessidade da educação moral recebida na juventude precisamente porque temos que adquirir o hábito de domar o prazer e não temer a dor, pois tais condições se referem a todos os objetos de escolha e rejeição que Aristóteles elenca mais adiante. Ele diz que escolhemos algo pelo motivo de ser nobre, vantajoso ou agradável; por outro lado, evitamos algo por ser vil, prejudicial ou doloroso¹⁷.

Tais escolhas e rejeições relacionam-se com a esfera moral porque nós somos bons ou maus pelo que fazemos ou nos abtemos de fazer, e isso tem relação direta com o prazer e a dor.

Mas voltemos a Urmson. Ele também estabelece o que acredita ser a descrição de Aristóteles da virtude moral em cinco tópicos:

¹⁶ EN 1104^a 9-12.

¹⁷ EN 1104b 30-35.

(1) Para cada excelência de caráter específica que nós reconhecemos haverá alguma emoção específica cujo domínio é o mesmo.

(2) No caso de cada tal emoção é possível estar disposto a exibi-la na quantia certa, a qual é a excelência.

(3) No caso de qualquer tal emoção é possível estar disposto a exibi-la tanto muito quanto muito pouco, e cada uma dessas disposições é um defeito de caráter.

(4) “Demais” inclui “em muitas ocasiões” e possibilidades similares bem como “muito violentamente”; “muito pouco” inclui “em muito poucas ocasiões” e possibilidades similares bem como “muito fracamente”.

Eu acredito que Aristóteles está preparado para ir ainda mais longe e ainda aceitar a seguinte proposição:

(5) Não existe emoção que nunca deve ser exibida.

Sob este prisma a doutrina da mediedade é sim um modelo quantitativo, porém, não quantitativo simples, pois o demais e o muito pouco se dispersam em três campos distintos como mostra o quadro abaixo:

Figuras morais	Emoção mostrando a mediedade	Ação mostrando a mediedade	Escolha mostrando a mediedade
Virtuoso	Sim	sim	sim
Continente	Não	sim	sim
Incontinente	Não	não	sim
Intemperante	Não	não	não

Peguemos o exemplo da virtude da coragem. Para que alguém possa ser dito corajoso, não basta que tal pessoa exiba mediedade entre as emoções de medo e confiança – que são as emoções que se relacionam com a coragem – mas também que aja mostrando essa mediedade entre ações extremas de falta e excesso, pois pode acontecer de alguém exibir a quantidade adequada da emoção, mas não acertar na ação, escorregando para o “muito frequentemente” ou para o “muito raramente”.

Mas, além disso, é preciso que esse alguém escolha a mediedade conforme Aristóteles prescreveu nas suas condições de realização do ato moral. E isso só é feito quando esse alguém conhece as particularidades da situação, ou seja, não basta sentir a emoção certa e agir

de forma certa, é necessário que ambas sejam acompanhadas do ato deliberativo que promove uma escolha consciente e racional.

A defesa quantitativa da mediedade, no entanto, pode sofrer algumas objeções. Pois não está isenta de dificuldades.

Peter Losin em “Aristotle’s Doctrine of the mean”¹⁸ procura dar uma interpretação alternativa. Neste artigo o autor reage à visão de Bernard Williams que entende a doutrina da mediedade como a menos útil parte do sistema aristotélico oscilando entre um modelo analítico inútil e uma doutrina da moderação.

Para Losin A doutrina da mediedade de Aristóteles foi buscada primeiramente na tradição médica. A saúde era vista como um equilíbrio de forças e a doença era exatamente a quebra desse equilíbrio. O próprio Aristóteles utiliza esse exemplo quando diz que os corpos saudáveis são destruídos pelo excesso e pela deficiência¹⁹.

Depois de uma longa caracterização da doutrina da mediedade, que seria fastidioso reproduzir, o autor diz que nós podemos identificar na passagem da EN 1125b 27- 1126^a 29 pelo menos cinco *continua* (parâmetros): Freqüência (nunca – sempre); Grau (muito compassivo – muito violento); Duração (muito breve – muito longa); Pessoas (ninguém – todos); Circunstâncias provocadas (nada – tudo).

Esse modelo seria a expressão da interpretação quantitativa, já que em cada extrato devemos atingir uma certa quantidade (não necessita ser exata) do critério em questão, devendo evitar, evidentemente, o que foge a essa quantidade.

Depois de se aproximar do tratamento que Aristóteles dispensa à virtude da coragem no livro II capítulo 8, Losin afirma que esse modelo quantitativo não reflete completamente o tratamento dessa virtude pois:

Nem toda disposição nos capacita dominar o medo, e a falta de confiança é igualmente excelente e louvável. Em particular, a coragem do cidadão, a coragem nascida da experiência ou do espírito, a coragem do meramente otimista ou do ignorante, todas habilitam seus possuidores a subjugar o medo e falta de confiança. Mas nenhuma destas disposições é a verdadeira coragem; nenhuma é a genuína excelência de caráter.

¹⁸ LOSIN, P. “Aristotle’s doctrine of the mean”. In *History of Philosophy quarterly*, 4 (3), 1987.

¹⁹ A ética aristotélica é saturada de exemplos tirados da medicina. Sua família gozava de uma tradição médica e o próprio Aristóteles tinha predileção por usar exemplos como o da saúde e da doença para expressar suas convicções morais. Sobre isso ver JAEGER, W. “Aristotle’s Use of Medicine on his Method in Ethics”.

Coragem verdadeira – diferente das cinco impostoras que Aristóteles menciona – é uma disposição na qual medo e confiança são balanceados e conhecidos a fundo “para o bem daquilo que é nobre” (*tou kalou heneka*, 1115b12-13; *dia to kalon*, 1117b31). Não apenas, então, pode alguém falhar para acertar o alvo por ser muito medroso ou não medroso o suficiente, muito confiante ou não confiante o suficiente; alguém pode errar o alvo por temer as coisas erradas, por temê-las de maneira inapropriada ou em ocasiões erradas; alguém pode também errar o alvo estabelecido pela verdadeira coragem por temer as coisas certas nas maneiras corretas e nas ocasiões corretas, mas por não fazê-las deste modo (como nós podemos colocar) pelas razões corretas ou no espírito correto.²⁰

O autor remete a idéia quantitativa de que atos e emoções podem cair em qualquer lugar sobre cada um destes extratos, mostrando toda a complexidade que o ato verdadeiramente virtuoso exige. Cada linha contém uma variável distinta, e cada uma varia independentemente das outras quatro. Isso mostra que existem diversas formas de errar o alvo com respeito a qualquer emoção ou ação. Alguém pode manifestar cólera muito freqüentemente ou em uma freqüência insuficiente, ou pode exibi-la muito compassivamente ou muito violentamente, por um tempo muito curto ou por um tempo muito longo; alguém pode sentir cólera em relação às pessoas erradas ou por coisas insignificantes e isso tudo comprometerá a ação propriamente virtuosa.

Segundo Losin, isto já é suficiente para mostrar que a alegação de Williams que de acordo com Aristóteles “toda virtude... está entre duas carências ou vícios correlativos” funda-se em uma visão excessivamente simples da doutrina da mediedade.

O modelo quantitativo do *continuum* para Losin, no entanto, parece induzir em erro, pois como foi visto, os vícios não podem ser facilmente caracterizados. Excesso e deficiência não podem ser estabelecidos na forma simples quantitativa que o modelo *continuum* sugere, e o exemplo da coragem parece confirmar isso.

Podemos, por exemplo, acertar o meio em todos os *continua* e mesmo assim não atingir a excelência ou virtude porque o fizemos pelas razões erradas e não pelo propósito do nobre. Nesse ponto parece que Losin retêm algo que ameaça solapar a visão quantitativa, pois é possível, em princípio, imaginar alguém que acerte a mediedade na freqüência, no grau, na duração, com relação às pessoas certas e nas conseqüências desejadas, mas mesmo assim tenha agido para um propósito cruel. Essa pessoa poderia calcular a mediedade em todos os

²⁰ *Ibidem.*

extratos para exibir uma imagem virtuosa e assim conquistar a confiança de alguém para facilitar um golpe, digamos.

Um ataque semelhante foi desferido por Hurthouse em “A false doctrine of the mean”²¹. Nesse artigo a autora rebate as teses de Urmson no que tange à viabilidade de salvar a doutrina da mediedade e o faz a partir da sua tese de objetos corretos e incorretos.

Ela se utiliza de uma análise das virtudes particulares para afirmar que tais virtudes, mais do que serem entendidas como apresentando quantidades corretas de emoção, elas se caracterizariam por ser antes um juízo correto. Ela pretende criticar a visão de Urmson indicando que no caso dessas virtudes haveria apenas um vício correspondente.

Mas o que nos interessa de momento é a parte construtiva de sua argumentação. Segundo a autora, a interpretação quantitativa deve ser superada em favor de uma leitura em termos de objetos corretos e incorretos, e isto porque a doutrina da mediedade não permite compreender a idéia de razão correta. A mediedade como a visão de que se deve agir entre o demais e o muito pouco não capta o tratamento que Aristóteles dispensa as virtudes da coragem e da temperança, por exemplo.

Sendo a virtude da temperança ligada aos prazeres da bebida, comida e sexo, é lícito dizer, numa leitura quantitativa, que o temperante se relaciona com esses objetos na quantidade esperada (moderada), já o insensível e o intemperante se relacionariam com tais objetos ou demasiadamente (intemperante), ou insuficientemente (insensível).

Neste sentido a temperança não é estar no meio de duas quantidades extremas.

Ela diz que, na verdade, a relação de quantidade é uma mera relação fortuita, porque as figuras viciosas, na realidade, escolhem objetos incorretos em ocasiões incorretas, e assim por diante.

No caso da coragem, existem três objetos que devem ser temidos (corretos): morte, dor intensa e dano físico. Neste sentido o homem corajoso só temeria tais coisas. Tanto o covarde como o temerário sentiriam medo e confiança em relação a objetos errados. O covarde sentiria medo de ratos, por exemplo. O temerário não temeria a morte na guerra etc.

A coragem, portanto também não estará em uma mediedade quantitativa, mas se refere a uma certa qualidade – o que é nobre e correto de se fazer – o que é incorreto ou vil.

²¹ HURSTHOUSE, R. “A false doctrine of mean”. In *Aristotle's ethics. Critical essays* (N. Sherman, ed.). Lanham: Rowman & Littlefield Publishers Inc., 1998, p. 105-119.

Tanto a postura de Urmson quanto a de Losin e a de Hursthouse parecem plausíveis quando tomadas isoladamente, mas quando comparadas entre si ou quando confrontadas com o texto aristotélico envolvem algumas dificuldades.

Quero argumentar que a melhor explicação para a doutrina da mediedade não é rotulá-la de quantitativa ou qualitativa, nem Urmson nem Hursthouse, pois ela é tanto uma quanto outra.

Vejam os cinco parâmetros em que alguém pode acertar ou errar quanto à quantidade. Frequência (sempre, as vezes, nunca); Grau (muita intensidade, intensidade média, pouca intensidade); Duração (muito breve, média duração, muito longa); Pessoas (ninguém, algumas, todas); Circunstâncias (nada, algo, tudo). Em cada parâmetro é possível agir bem (virtuosamente) ou mal (viciosamente) conforme o ato ou a emoção se encontre mais ou menos próxima ou distante do meio.

Alguém pode acertar o alvo em um parâmetro e errar em outros, por exemplo, quando nos encolerizamos com a pessoa certa, na circunstância certa, mas na duração errada. Ficamos irados por mais tempo que deveríamos. Mas mesmo que acertemos todos os cinco isso ainda não garante a ação virtuosa, pois a virtude depende que a ação seja feita pelo propósito do nobre (razão correta). E foi visto que alguém pode fazer algo que esteja de acordo com todos os parâmetros para um fim ignóbil. Neste sentido a objeção de Hursthouse e Losin procede. Apenas os parâmetros do *continuum* que expressam a quantidade não podem explicar a doutrina da mediedade de Aristóteles.

Por outro lado, não devemos entender a doutrina da mediedade somente a partir de objetos corretos e incorretos, ou razões corretas e incorretas (qualitativamente). Pois mesmo que nossas razões sejam corretas e que nossa ação se dirija para objetos corretos, ainda assim isso não garante a posse da virtude, pois é possível que exibamos uma quantidade excessiva ou deficiente da referida emoção em relação a este objeto.

Por exemplo, alguém que queira ser corajoso não deve apenas atentar para os objetos corretos que se relacionam com a coragem, quais sejam, a morte, a dor intensa e o dano físico. Pois mesmo que alguém não sinta medo de objetos incorretos (ratos, escuridão, solidão) nem confiança de objetos ou ocasiões incorretas (perigo mortal desnecessário) ainda é possível que exiba mais (quantidade) medo na guerra (objeto correto) do que seria admissível para o bravo.

Coragem, portanto, é uma virtude que se relaciona com duas emoções (medo e confiança) que devem se expressar na medida certa (quantidade) e com relação aos objetos certos (morte na guerra, dor intensa, dano físico).

Alguém que queira ser temperante deve também atentar para as duas coisas – quantidade e qualidade – ou seja, deve acertar em todos os parâmetros e se relacionar com os objetos corretos.

Não é temperante aquele que apenas tem a dor e o prazer na quantidade exata em todos os parâmetros, visto que existem prazeres impermissíveis (erro de objeto). Mas também não pode ser considerado temperante aquele que apenas escolhe bem os objetos.

Os objetos da temperança são a comida, a bebida e o sexo. Ora é evidente que a insensibilidade e a intemperança são erro também de quantidades. Pois todos esses objetos são os objetos corretos, e ainda assim é possível se relacionar inadequadamente com eles (quantitativamente), o insensível deleita-se insuficientemente e o intemperante deleita-se em demasia. De forma que podemos construir o seguinte quadro:

Figuras morais (tipos)	Parâmetros de quantidade	Objetos (correto/incorreto)
Corajoso	Acerta todos	Objetos corretos
Covarde	Ou erra algum parâmetro	Ou erra objeto
Temerário	Ou erra algum parâmetro	Ou erra objeto
Temperante	Acerta todos	Objetos corretos
Insensível	Ou erra algum parâmetro	Ou erra objeto
Intemperante	Ou erra algum parâmetro	Ou erra objeto

Veja que os que exibem as respectivas virtudes precisam acertar em ambas as colunas, pois como foi visto, acertar em uma coluna não garante a virtude.

Vamos então para a evidência textual na *Ethica Nicomachea* onde Aristóteles trata das virtudes da coragem e temperança:

Os intemperantes excedem de todos os três modos; tanto se comprazem com coisas com as quais não deveriam comprazer-se (porquanto são odiosas), como, se é lícito comprazer-se em algumas coisas de sua predileção, eles o fazem mais do que se deve e do que o faz a maioria dos homens.

Está claro, pois, que o excesso em relação aos prazeres é intemperança, e é culpável.²²

²² EN 1118b 24-28.

Nessa passagem Aristóteles faz alusão aos dois grupos identificados no quadro quando diz, por exemplo, que uns se comprazem com coisas que não deveriam (objetos incorretos) e outros o fazem mais do que se deve e do que faz a maioria dos homens (quantidade).

Ora, os bravos são tão indômitos quanto pode sê-lo um homem. Por isso, embora temam também as coisas que não estão acima das forças humanas, enfrentam-nas como devem e como prescreve a regra, a bem da honra; pois essa é a finalidade da virtude. Mas é possível temê-las mais ou menos, e também temer coisas que não são terríveis como se o fossem.²³

Nesta outra passagem também estão contemplados os dois grupos quando ele diz que os corajosos enfrentam as coisas como prescreve a regra, a bem da honra (a razão correta), mas também é possível temer mais ou menos (quantidades), e também coisas que não são terríveis com se fossem (objetos incorretos).

Acredito que essas passagens bastem para dar crédito à idéia de que a doutrina da mediedade não pode ser interpretada restritivamente pelo viés quantificador ou qualificador. Ela é uma mescla das duas instâncias.

A partir disso é preciso dizer que o aspecto quantitativo não é uma mera fortuidade como queria Hursthouse, assim como o aspecto qualitativo não está ausente do horizonte reflexivo de Aristóteles como quer Urmson.

Se esta interpretação está correta, devemos descartar a interpretação da doutrina da mediedade como uma simples tese da moderação, assim como também devemos entendê-la não como uma caracterização unilateral quantitativa ou qualitativa. A riqueza da doutrina da mediedade como complemento da noção de virtude moral na ética aristotélica merece que acatemos a sua complexidade, observando suas instâncias qualitativas e quantitativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Nicomachean Ethics* (translated with introduction, notes, and glossary, by Terence Irwin). 2a ed. Indianapolis/Cambridge: Hackett, 1999.
- _____. *Nicomachean Ethics*. Trad. David Ross. Oxford University Press: Londres, 1998.
- _____. *Nicomachean Ethics*, Trad. Roger Crisp, Cambridge University Press: Cambridge, 2000.

²³ EN 1115b 11-15.

- _____. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril cultural, 2000.
- _____. *Ética a Nicômaco*. Trad. De M. G. Kury. Brasília: Editora universidade de Brasília, 1999.
- HOBUSS, J. “Sobre o Significado da Doutrina da ‘Mediedade’ em Aristóteles”. In *Journal of Ancient Philosophy*, vol. II, 2008.
- HURSTHOUSE, R. “A false doctrine of mean”. In *Aristotle’s ethics. Critical essays* (N. Sherman, ed.). Lanham: Rowman & Littlefield Publishers Inc., 1998, p. 105-119.
- LOSIN, P. “Aristotle’s doctrine of the mean”. In *History of Philosophy quarterly*, 4 (3), 1987, p. 329-341.
- URMSON, J. O. “Aristotle’s doctrine of the mean”. In *Essays on Aristotle’s ethics* (A. O. Rorty, ed.). Berkeley: University of California Press, 1980, p. 157-170.